

O impulso da perversidade

Edgar Allan Poe

Tradução e notas de Elsa Cruz*

Ao considerar as faculdades e os impulsos – dos *prima mobilia*¹, da alma humana, os frenólogos esqueceram-se de fazer uma referência a uma tendência que, embora seja óbvio que exista como um sentimento radical, primitivo e irreduzível, foi igualmente ignorada por todos os moralistas que os precederam. Na pura arrogância da razão, todos nós a temos ignorado. Permitimos que a sua existência escape aos nossos sentidos, unicamente por falta de crença – de fé, – quer seja fé na Revelação ou fé na Cabala. Essa ideia nunca nos ocorreu, simplesmente pela sua complexidade. Não sentimos *necessidade* do impulso – para a propensão. Não podíamos perceber a sua necessidade. Não podíamos compreender, ou seja, não a podíamos ter compreendido, se a noção desse *primum mobile* se introduzira alguma vez à força em nós – não podíamos ter compreendido de que forma poderia promover os objectivos da humanidade, quer temporais quer eternos. Não se pode negar que a frenologia e grande parte das ciências metafísicas foram concebidas *a priori*. O homem intelectual ou lógico, mais do que o inteligente ou observador, pretendeu conceber os desígnios de Deus, – ditando-Lhe os objectivos. Tendo assim aprofundado o seu conhecimento das intenções de Jeová, construiu, de acordo com elas, os seus inúmeros sistemas de pensamento. Em matéria de frenologia, por exemplo, determinámos primeiro, com bastante naturalidade, que era desígnio da Divindade que o homem se alimentasse. Logo atribuímos ao homem um órgão de alimentação, e este órgão é o açoit com que a Divindade obriga o homem, de bom grado ou à força, a comer. Em segundo lugar, ao estar decidido que, era a vontade de Deus, que o homem devesse perpetuar a sua espécie, descobrimos rapidamente um órgão da «amatividade». E, por conseguinte, o da combatividade, da idealidade, da

* Aluna de Tradutores e Intérpretes na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

blishing every thing from the preconceived destiny of man, and upon the ground of the objects of his Creator.

It would have been wiser, it would have been safer to classify, (if classify we must), upon the basis of what man usually or occasionally did, and was always occasionally doing, rather than upon the basis of what we took it for granted the Deity intended him to do. If we cannot comprehend God in his visible works, how then in his inconceivable thoughts, that call the works into being! If we cannot understand him in his objective creatures, how then in his substantive moods and phases of creation?

Induction, *à posteriori*, would have brought phrenology to admit, as an innate and primitive principle of human action, a paradoxical something, which we may call *perverseness*, for want of a more characteristic term. In the sense I intend, it is, in fact, a *mobile* without motive, a motive not *motivirt*. Through its promptings we act without comprehensible object; or, if this shall be understood as a contradiction in terms, we may so far modify the proposition as to say, that through its promptings we act, for the reason that we should *not*. In theory, no, reason can be more unreasonable; but, in fact, there is none more strong. With certain minds, under certain conditions, it becomes absolutely irresistible. I am not more certain that I breathe, than that the assurance of the wrong or error of any action is often the one unconquerable force which impels us, and alone impels us to its prosecution. Nor will this overwhelming tendency to do wrong for the wrong's sake, admit of analysis, or resolution into ulterior elements. It is a radical, a primitive impulse—elementary. It will be said, I am aware, that when we persist in acts because we feel we should not persist in them, our conduct is but a modification of that which ordinarily springs from the *combativeness* of phrenology. But a glance will show the fallacy of this idea. The phrenological *combativeness* has for its essence, the necessity of self-defence. It is our safeguard against injury. Its principle regards our well-being; and thus the desire to be well, is excited simultaneously with its development. It follows, that the desire to be well must be excited simultaneously with any principle which shall be merely a modification of *combativeness*, but in the case of that something which I term *perverseness*, the desire to be well is not only not aroused, but a strongly antagonistical sentiment exists.

An appeal to one's own heart is, after all, the best reply to the sophistry just noticed. No one who trustingly consults and thoroughly questions his own soul, will be disposed to deny the entire radicalness of the propensity in question. It is not more incomprehensible than distinctive. There lives no man who at some period has not been tormented, for example, by an earnest desire to tantalize a listener by

casualidade, da engenhosidade, – e resumidamente, com todos os órgãos, quer representem a propensão, um sentimento moral ou uma faculdade do intelecto puro. E nesta ordem de *principia* da acção humana, os Spurzheimistas²; certos ou errados, parcial ou totalmente, não fizeram senão seguir, em princípio, os passos dos seus antecessores; deduzindo e estabelecendo tudo a partir do destino pré-concebido do homem, e tendo por base os objectivos do seu Criador.

Teria sido mais sensato, teria sido mais seguro classificar (se é que temos de classificar), com base naquilo que o homem habitual ou ocasionalmente fez, e foi sempre feito ocasionalmente, em vez de partir do pressuposto de que é a Divindade que o obriga a fazê-lo. Se não conseguimos compreender Deus nas suas obras visíveis, como poderemos compreendê-Lo nos seus pensamentos inconcebíveis, que apelam à vida nessas obras? Se não conseguimos compreendê-Lo nas suas criaturas objectivas, como consegui-lo, nos seus modos substantivos e fases de criação?

A indução, *a posteriori*, teria feito com que a frenologia admitisse, como um princípio inato e primitivo da acção humana, algo paradoxal, a que poderemos chamar *perversidade*, por falta de um termo mais característico. No sentido que aqui atribuo, é, na realidade, um mobile sem motivo, um motivo não *motivirt*³. Sob sua influência actuamos sem objectivo compreensível; ou, se esta for compreendida como contradição de termos, podemos modificar a proposta dizendo que, sob a sua influência, actuamos pela razão de que não o devemos fazer. Em teoria, nenhuma razão pode ser mais irracional; mas, com efeito, não há nenhuma mais forte. Com certas mentes, em certas condições, chega a ser completamente irresistível. É mais certo do que a morte, de que a minha certeza que o mal ou o erro, que conduz a um acto qualquer, é a única força invencível que nos impele, e que nos obriga unicamente a continuá-lo. Nem esta tendência esmagadora de fazer o mal, pelo amor ao mal, vai admitir análise, ou solução com elementos posteriores. É um impulso radical, primitivo – elementar. Será dito, tenho a certeza, que quando persistimos em certos actos porque sentimos que não deveríamos persistir neles, a nossa conduta não passa de uma modificação daquela que, em geral, deriva da *combatividade* frenológica. Mas uma breve consideração demonstrará o carácter insólito desta ideia. A *combatividade* frenológica tem, na sua essência, a necessidade da autodefesa. É a nossa salvaguarda contra a injúria. O seu princípio tem em atenção o nosso bem-estar; e assim o desejo de estar bem, é excitado simultaneamente com o seu desenvolvimento. Segue-se que, o desejo de estar bem deve ser excitado ao mesmo tempo que qualquer outro princípio, o qual deve ser apenas uma mera modificação da *combatividade*, mas no caso dessa coisa a que chamo *perversidade*, não só se desperta o desejo de bem-estar, como também um sentimento fortemente antagónico.

circumlocution. The speaker is aware that he displeases; he has every intention to please; he is usually curt, precise, and clear; the most laconic and luminous language is struggling for utterance upon his tongue; it is only with difficulty that he restrains himself from giving it flow; he dreads and deprecates the anger of him whom he addresses; yet, the thought strikes him, that by certain involutions and parentheses, this anger may be engendered. That single thought is enough. The impulse increases to a wish, the wish to a desire, the desire to an uncontrollable longing, and the longing, (to the deep regret and mortification of the speaker, and in defiance of all consequences,) is indulged.

We have a task before us which must be speedily performed. We know that it will be ruinous to make delay. The most important crisis of our life calls, trumpet-tongued, for immediate energy and action. We glow, we are consumed with eagerness to commence the work, with the anticipation of whose glorious result our whole souls are on fire. It must, it shall be undertaken to-day, and yet we put it off until to-morrow; and why? There is no answer, except that we feel perverse, using the word with no comprehension of the principle. To-morrow arrives, and with it a more impatient anxiety to do our duty, but with this very increase of anxiety arrives, also, a nameless, a positively fearful, because unfathomable, craving for delay. This craving gathers strength as the moments fly. The last hour for action is at hand. We tremble with the violence of the conflict within us,—of the definite with the indefinite—of the substance with the shadow. But, if the contest have proceeded thus far, it is the shadow which prevails,—we struggle in vain. The clock strikes, and is the knell of our welfare. At the same time, it is the chanticleer-note to the ghost that has so long overawed us. It flies—it disappears—we are free. The old energy returns. We will labor now. Alas, it is *too late!*

We stand upon the brink of a precipice. We peer into the abyss—we grow sick and dizzy. Our first impulse is to shrink from the danger. Unaccountably we remain. By slow degrees our sickness, and dizziness, and horror, become merged in a cloud of unnameable feeling. By gradations, still more imperceptible, this cloud assumes shape, as did the vapor from the bottle out of which arose the genius in the Arabian Nights. But out of this our cloud upon the precipice's edge, there grows into palpability, a shape, far more terrible than any genius, or any demon of a tale, and yet it is but a thought, although a fearful one, and one which chills the very marrow of our bones with the fierceness of the delight of its horror. It is merely the idea of what would be our sensations during the sweeping precipitancy of a fall from such a height. And this fall—this rushing annihilation—for the very reason that it involves that one most ghastly and loathsome of all the

Um apelo ao próprio coração é, acima de tudo, a melhor resposta ao sofismo descrito. Ninguém, que consulte com lealdade e interrogue com afinco a sua própria alma, ousará negar o radicalismo absoluto da propensão em causa. Não é menos característica que incompreensível. Não existe nenhum homem, que em determinada altura, não tenha sido atormentado, por exemplo, por um ardente desejo de torturar um ouvinte com circunlocuções. O orador sabe bem que desagrada; tem a melhor intenção de agradar; é normalmente conciso, concreto e claro; a mais lacónica e luminosa linguagem debate-se pela elocução da sua língua; só com dificuldade se abstém de dar saída a uma torrente de palavras; ele receia e procura evitar a ira daquele a quem se dirige; no entanto, assola-o o pensamento de que, com certos rodeios ou parêntesis, poderá provocar esta raiva. Esta simples ideia é suficiente. O impulso intensifica-se na vontade, a vontade em desejo, o desejo numa ansiedade aguda, e a ansiedade, perante o profundo lamento e mortificação do orador e o desafio de todas as consequências, rende-se.

Temos diante de nós uma tarefa que deve ser realizada rapidamente. Sabemos que atrasá-la será a nossa ruína. A mais importante crise da nossa vida apela, ao som de trompeta, à energia e acções imediatas. Ardemos, consome-nos a ânsia de começar o trabalho, a nossa alma inflama-se com o gozo antecipado do resultado glorioso. É necessário, deveria ser iniciada hoje mesmo e, todavia, deixamo-la para amanhã; e porquê? Não há resposta, a não ser que nos sintamos perversos, utilizando essa palavra sem conhecer o princípio. O amanhã chega, e com ele, uma mais impaciente necessidade de cumprir o nosso dever, mas com este acréscimo de ansiedade chega, também, um desejo anónimo, positivamente terrível, porque a sua natureza impenetrável, deseja ardentemente o atraso. Este desejo ganha força à medida que o tempo passa. Resta apenas uma hora para agir e essa hora está próxima. Trememos com a violência do conflito que se gera dentro de nós – o definido contra o indefinido –, a substância contra a sombra. Mas, se a luta chegou a esse ponto, é a sombra que prevalece – lutamos em vão. O relógio soa, é o dobrar fúnebre da nossa felicidade. Ao mesmo tempo, o canto do galo que afugenta o fantasma que nos atemorizou durante tanto tempo. Voa – desaparece – estamos livres. Volta a velha energia. Agora vamos trabalhar. Mas, ai de nós, *é demasiado tarde!*

Estamos à beira de um precipício. Olhamos para o abismo – sentimos a agonia da vertigem. O nosso primeiro impulso é retroceder perante o perigo. Inexplicavelmente, permanecemos lá. Pouco a pouco, a nossa agonia, a nossa vertigem, o nosso horror confundem-se num sentimento nublado e indefinido. Gradualmente, ainda mais imperceptível, esta nuvem assume uma forma, como o vapor da lâmpada da qual saiu o génio das Mil e Uma Noites. Mas, da nossa nuvem, à beira do precipício, torna-se cada vez mais palpável, uma forma, muito

most ghastly and loathsome images of death and suffering which have ever presented themselves to our imagination—for this very cause do we now the most vividly desire it. And because our reason violently deters us from the brink, *therefore*, do we the most impetuously approach it. There is no passion in nature so demoniacally impatient, as that of him, who shuddering upon the edge of a precipice, thus meditates a plunge. To indulge for a moment, in any attempt at *thought*, is to be inevitably lost; for reflection but urges us to forbear, and *therefore* it is, I say, that we cannot. If there be no friendly arm to check us, or if we fail in a sudden effort to prostrate ourselves backward from the abyss, we plunge, and are destroyed.

Examine these and similar actions as we will, we shall find them resulting solely from the spirit of the Perverse. We perpetrate them merely because we feel that we should not. Beyond or behind this, there is no intelligible principle: and we might, indeed, deem this perverseness a direct instigation of the arch-fiend, were it not occasionally known to operate in furtherance of good.

I have said thus much, that in some measure I may answer your question—that I may explain to you why I am here—that I may assign to you something that shall have at least the faint aspect of a cause for my wearing these fetters, and for my tenanting this cell of the condemned. Had I not been thus prolix, you might either have misunderstood me altogether, or, with the rabble, have fancied me mad. As it is, you will easily perceive that I am one of the many uncounted victims of the Imp of the Perverse.

It is impossible that any deed could have been wrought with a more thorough deliberation. For weeks, for months, I pondered upon the means of the murder. I rejected a thousand schemes, because their accomplishment involved a *chance* of detection. At length, in reading some French memoirs, I found an account of a nearly fatal illness that occurred to Madam Pilau, through the agency of a candle accidentally poisoned. The idea struck my fancy at once. I knew my victim's habit of reading in bed. I knew, too, that his apartment was narrow and ill-ventilated. But I need not vex you with impertinent details. I need not describe the easy artifices by which I substituted, in his bedroom candle-stand, a wax-light of my own making, for the one which I there found. The next morning he was discovered dead in his bed, and the coroner's verdict was,—"*Death by the visitation of God.*"

Having inherited his estate, all went well with me for years. The idea of detection never once entered my brain. Of the remains of the fatal taper, I had myself carefully disposed. I had left no shadow of a clue by which it would be possible to convict, or even to suspect, me of the crime. It is inconceivable how rich a sen-

mais terrível do que qualquer génio ou demónio de uma fábula, e, contudo, não passa de um pensamento, embora receoso, um pensamento que gela a medula dos nossos ossos com a terrível delícia do seu horror. É simplesmente a ideia de quais seriam as nossas sensações durante uma queda vertiginosa de tal altura. E esta queda – esta aniquilação precipitada –, pela simples razão que implica a mais terrível e repugnante de todas as mais terríveis e repugnantes imagens de morte e sofrimento, que a nossa imaginação jamais concebeu, por esta única razão, sentimos agora o mais vivo desejo que aconteça. E, porque a nossa razão nos afasta definitivamente da beira do abismo, *por isso*, nos aproximamos impetuosamente dela. Não há na natureza paixão tão diabolicamente impaciente, como a daquele que, tremendo à beira dum precipício, pensa atirar-se dele. Permitir-se o desejo de pensar, apenas por um instante, significa estar irremediavelmente perdido; pois a reflexão sugere-nos a abstenção desse pensamento, *precisamente por isso*, repit-o, não nos é possível. Se não aparece um braço amigo que nos detenha, ou se não conseguimos fazer um esforço repentino que nos afaste do abismo, atiramo-nos, e ali perecemos. Se examinarmos estas acções e outras semelhantes, descobrimos que resultam, exclusivamente, do espírito da Perversidade. Fazemo-las simplesmente porque sentimos que não deveríamos fazê-las. Para mais, ou para além disto, não existe nenhum princípio inteligível: e na verdade, poderíamos, considerar esta perversidade como uma instigação directa de Satanás, se não fosse reconhecido que, por vezes, se restringe ao cumprimento do bem.

Alonguei-me demasiado, para responder em certa medida, às vossas perguntas – para vos explicar porque é que estou aqui – para vos dar algo que justifique os ferros que arrasto e a cela de condenado que ocupo. Não fosse eu tão prolixo, poderiam interpretar-me mal, ou, como o povo, que me tem tomado por um louco. Como tal, agora podem compreender facilmente que eu seja uma das incontáveis vítimas do Impulso da Perversidade.

É impossível que uma acção tenha sido planeada com uma deliberação mais perfeita. Durante semanas, durante meses, meditei sobre os meios do assassinio. Rejeitei mil planos, porque a realização de cada um deles implicava uma hipótese de revelação. Afinal, lendo um dia umas memórias francesas, encontrei a história de um percalço quase fatal que aconteceu a Madame Pilau⁴, por causa de uma vela acidentalmente envenenada. A ideia apoderou-se imediatamente da minha imaginação. Conhecia os hábitos da minha vítima ler na cama. Sabia, também, que o seu quarto era pequeno e pouco ventilado. Mas não é necessário cansar-vos com detalhes despropositados. Não vos vou descrever os fáceis artifícios através dos quais substituí, na palmatória do seu quarto, a vela de cera que lá estava, por outra feita por mim. Na manhã seguinte, encontraram-na morta na cama, e o veredicto do médico legista foi: «Morte pela aparição de Deus».

timent of satisfaction arose in my bosom as I reflected upon my absolute security. For a very long period of time, I was accustomed to revel in this sentiment. It afforded me more real delight than all the mere worldly advantages accruing from my sin. But there arrived at length an epoch, from which the pleasurable feeling grew, by scarcely perceptible gradations, into a haunting and harassing thought. It harassed because it haunted. I could scarcely get rid of it for an instant. It is quite a common thing to be thus annoyed with the ringing in our ears, or rather in our memories, of the burthen of some ordinary song, or some unimpressive snatches from an opera. Nor will we be the less tormented if the song itself be good, or the opera air meritorious. In this manner, at last, I would perpetually catch myself pondering upon my security, and repeating, in a low undertone, the phrase, "I am safe."

One day, while sauntering along the streets, I arrested myself in the act of murmuring, half aloud, these customary syllables. In a fit of petulance, I re-modelled them thus:—"I am safe—I am safe—yes—if I be not fool enough to make open confession!"

No sooner had I spoken these words, than I felt an icy chill creep to my heart. I had had some experience in these fits of perversity, (whose nature I have been at some trouble to explain,) and I remembered well, that in no instance, I had successfully resisted their attacks. And now my own casual self-suggestion, that I might possibly be fool enough to confess the murder of which I had been guilty, confronted me, as if the very ghost of him whom I had murdered—and beckoned me on to death.

At first, I made an effort to shake off this nightmare of the soul. I walked vigorously—faster—still faster—at length I ran. I felt a maddening desire to shriek aloud. Every succeeding wave of thought overwhelmed me with new terror, for, alas! I well, too well, understood that to *think*, in my situation, was to be lost. I still quickened my pace. I bounded like a madman through the crowded thoroughfares. At length, the populace took the alarm, and pursued me. I felt *then* the consummation of my fate. Could I have torn out my tongue, I would have done—it but a rough voice resounded in my ears—a rougher grasp seized me by the shoulder. I turned—I gasped for breath. For a moment, I experienced all the pangs of suffocation; I became blind, and deaf, and giddy; and then, some invisible fiend, I thought, struck me with his broad palm upon the back. The long-imprisoned secret burst forth from my soul.

They say that I spoke with a distinct enunciation, but with marked emphasis and passionate hurry, as if in dread of interruption before concluding the brief but pregnant sentences that consigned me to the hangman and to hell.

Tendo herdado a sua fortuna, tudo me correu pelo melhor durante anos. A ideia de que fosse descoberto não me passou pela cabeça uma única vez. Quanto aos restos da vela fatal, tinha-os destruído eu mesmo cuidadosamente. Não deixei a sombra de nenhuma pista que pudesse dar provas, ou mesmo levantar suspeitas, acerca do meu crime. É inconcebível o magnífico sentimento de satisfação que sentia no peito ao reflectir na minha absoluta segurança. Durante um longo período de tempo, acostumei-me a deleitar-me com este sentimento. Proporcionava-me um prazer mais real do que todos os benefícios materiais resultantes do meu pecado. Mas chegou finalmente uma época, a partir da qual o sentimento de prazer se transformou, em gradações quase imperceptíveis, num pensamento obsessivo e atormentador. Atormentava-me porque me obcecava. Só consegui livrar-me dele por um instante. É frequente acontecer ficarmos perturbados com o repercutir nas nossas orelhas, ou antes na nossa memória, do fardo de uma canção vulgar, ou de alguns fragmentos insignificantes de uma ópera. O tormento não é menor pelo facto de a canção em si ser boa, ou meritória ária de ópera. Desta forma, por fim, iria dar por mim a ponderar perpetuamente sobre a minha segurança, e repetindo, a frase, em voz baixa, «estou salvo».

Um dia, ao vaguear pelas ruas, surpreendi-me a murmurar, quase em voz alta, as habituais sílabas. Num ataque de petulância, refi-las desta forma: – «Estou salvo – estou salvo – sim – se não for louco o suficiente para confessar declaradamente o meu caso.»

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, senti um frio glacial a penetrar-me no coração. Já tinha tido alguma experiência destes acessos de perversidade, (cuja natureza me deu algum trabalho a explicar) e lembrava-me bem, que, em caso algum, tinha conseguido resistir com sucesso aos seus ataques. E agora a minha própria auto-sugestão casual, de que poderia ser suficientemente louco para confessar o crime de que era culpado, confrontou-me, como se fosse o próprio fantasma daquele que tinha assassinado – e acenava-me como se para me chamar para a morte.

A princípio, fiz um esforço para afugentar aquele pesadelo da alma. Andava vigorosamente – mais depressa – cada vez mais depressa – e por fim, corria. Sentia um louco desejo de me pôr a gritar. A cada momento sucessivo do meu pensamento invadia-me um novo terror, porque, ai de mim! Compreendia bem, demasiado bem, que pensar, na minha situação, era estar perdido. Acelerei ainda mais o passo. Saltava como um louco, atravessando as ruas cheias de gente. Por fim, a população alvoraçou-se, e começaram a perseguir-me. Senti *então* a consumação do meu destino. Se tivesse podido arrancar a língua, tê-lo-ia feito – mas uma voz impetuosa soou aos meus ouvidos – e uma mão ainda mais rude agarrou-me pelo ombro. Voltei-me – abri a boca para respirar melhor. Por um

Having related all that was necessary for the fullest judicial conviction. I fell prostrate in a swoon.

But why shall I say more? To-day I wear these chains, and am *here!* To-morrow I shall be fetterless!—*but where?*

momento, tive a experiência de todas as angústias da asfixia; fiquei cego, surdo, e atordoado; e então, algum demónio invisível, pensei eu, bateu-me nas costas com a sua grande palma da mão. O segredo tanto tempo aprisionado irrompeu da minha alma.

Dizem que falei com uma enunciação distinta, mas com demasiada ênfase e uma ardente precipitação, como se tivesse medo de que me interrompessem antes de terminar as frases, breves mas transcendentais, que me condenavam ao carrasco e ao inferno.

Tendo relatado tudo quanto era necessário para a completa convicção da justiça, caí desfalecido por terra.

Mas o que hei-de dizer mais? Hoje, arrasto estas correntes, e aqui estou! Amanhã estarei livre delas! – *Mas onde?*

Notas

- ¹ *Prima Mobilia* – as primeiras causas dos factos.
- ² *Spurzheim*, Johann Kaspar (1776-1832) – foi quem ajudou Gall a ampliar o, assim chamado modelo frenológico e disseminá-lo na Europa e Estados Unidos da América.
- ³ *Motivirt* – motivado
- ⁴ *Madame Pilau* – um artigo intitulado «Madame Pilau: Uma situação estranha do século XVI» de C. F. Gore, apareceu no *The New Monthly Magazine* em 1839. Presumivelmente relata o incidente que Poe refere.